

Culpa e educação em *Everybody loves Raymond*

Prof. Dr. João Sérgio Lauand
EDT – São Paulo

Resumo: O artigo analisa, a partir dos tipos psicológicos de David Keirsey (combinações dos fatores: I/E, S/N, T/F, J/P), a “educação para a culpa” na série televisiva “*Everybody Loves Raymond*”. Apresenta e discute aspectos do comportamento no dia a dia, em situações concretas da vida. A tipologia de Keirsey mostra-se uma ferramenta útil para a Psicologia, com fecundas aplicações para a educação.

Palavras Chave: David Keirsey. Temperamento. *Everybody Loves Raymond*. Culpa. Educação.

Abstract: This study analyzes, from the psychological types of David Keirsey (combinations of factors: I/E, S/N, T/F, J/P), “education for guilt” in the TV series “*Everybody Loves Raymond*”. And shows a sample of how the characters behave in everyday life, in concrete situations of life. Keirsey’s types prove to be a useful tool for Psychology with fruitful applications in education.

Keywords: David Keirsey. Temperament Types. *Everybody Loves Raymond*. Guilt. Education.

Introdução

Em seis artigos anteriores analisamos, com base na tipologia de temperamentos estabelecida pelo psicólogo americano David Keirsey, o perfil psicológico de cada um dos principais personagens da família Barone, da série televisiva “*Everybody Loves Raymond*” (abrev.: ELR). Como este estudo remete ao mesmo referencial teórico e a esses mesmos protagonistas, indico as referências dos artigos (disponíveis on-line): “David Keirsey e a TV – o caso de Raymond”¹ (artigo no qual apresentamos um resumo da teoria de Keirsey para o leitor não familiarizado), “Keirsey e a TV – o caso de Frank”², “David Keirsey e a SJ Marie Barone”³, “Debra Barone à Luz de Keirsey”⁴, “Robert Barone: o SJ que é também NF”⁵ e, no número anterior de *Notandum* “O NF de Keirsey...”⁶.

Essas análises estavam focadas nos perfis dos protagonistas; neste estudo, centrar-nos-emos em um tema: como os personagens lidam com a culpa.

Recordemos sumariamente a teoria de Keirsey, exposta em *Please Understand Me*⁷ (abrev.: PUM1) e *Please Understand Me II*⁸ (abrev.: PUM2). Keirsey baseia-se nas funções descritas por Jung (daí a estranheza que a terminologia pode causar ao leitor leigo, que facilmente pode ser levado a equívoco). Assim, considera os pares opostos de preferências: I/E (Introversão/ Extroversão); S/N (*Sensible* / *Intuição*); T/F (*Thinking* / *Feeling*) e J/P (*Julgamento* / *Percepção*). Numa comparação, o temperamento será basicamente uma “molécula”, uma composição de dois determinados “átomos” dessas preferências básicas, em quatro possibilidades: SP (*artisans*), SJ (*guardians*), NF (*idealists*) e NT (*rationalists*). Com a combinação com os dois fatores complementares, em cada caso, surge um total de 16 sub-tipos: ISFP, ISTP, ESFP, ESTP, ISFJ, ISTJ, ESFJ, ESTJ, INFP, INFJ, ENFP, ENFJ, INTP, INTJ, ENTP e ENTJ.

¹ <http://www.hottopos.com/isle5/93JSLau.pdf>

² <http://www.hottopos.com/isle6/8JSLau.pdf>

³ <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf>

⁴ <http://www.hottopos.com/rih21/P41a50.pdf>

⁵ <http://www.hottopos.com/rih21/P51a58.pdf>

⁶ <http://www.hottopos.com/notand25/index.htm>

⁷ Keirsey, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984.

⁸ Keirsey, David *Please Understand me II*, Del Mar, Prometheus Nemesis, 1988.

Recolhemos aqui o *overview* do site oficial de Keirsey sobre 2 tipos, SJ (*guardians*) e SP (*artisans*), por serem os tipos dos principais personagens de ELR: Marie (ESFJ) e Debra (ESTJ); Frank (ISTP) e Raymond (ESFP).

All **Guardians** (SJs) share the following core characteristics:

- Guardians pride themselves on being dependable, helpful, and hard-working.
- Guardians make loyal mates, responsible parents, and stabilizing leaders.
- Guardians tend to be dutiful, cautious, humble, and focused on credentials and traditions.
- Guardians are concerned citizens who trust authority, join groups, seek security, prize gratitude, and dream of meting out justice.

Guardians are the cornerstone of society, for they are the temperament given to serving and preserving our most important social institutions. Guardians have natural talent in managing goods and services -from supervision to maintenance and supply - and they use all their skills to keep things running smoothly in their families, communities, schools, churches, hospitals, and businesses. Guardians can have a lot of fun with their friends, but they are quite serious about their duties and responsibilities. Guardians take pride in being dependable and trustworthy; if there's a job to be done, they can be counted on to put their shoulder to the wheel. Guardians also believe in law and order, and sometimes worry that respect for authority, even a fundamental sense of right and wrong, is being lost. Perhaps this is why Guardians honor customs and traditions so strongly -- they are familiar patterns that help bring stability to our modern, fast-paced world. Practical and down-to-earth, Guardians believe in following the rules and cooperating with others. They are not very comfortable winging it or blazing new trails; working steadily within the system is the Guardian way, for in the long run loyalty, discipline, and teamwork get the job done right. Guardians are meticulous about schedules and have a sharp eye for proper procedures. They are cautious about change, even though they know that change can be healthy for an institution. Better to go slowly, they say, and look before you leap. Guardians make up as much as 40 to 45 percent of the population, and a good thing, because they usually end up doing all the indispensable but thankless jobs the rest of us take for granted.

(www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=2&c=overview)

All **Artisans** (SPs) share the following core characteristics:

- Artisans tend to be fun-loving, optimistic, realistic, and focused on the here and now
- Artisans pride themselves on being unconventional, bold, and spontaneous.
- Artisans make playful mates, creative parents, and troubleshooting leaders.

•Artisans are excitable, trust their impulses, want to make a splash, seek stimulation, prize freedom, and dream of mastering action skills.

Artisans are the temperament with a natural ability to excel in any of the arts, not only the fine arts such as painting and sculpting, or the performing arts such as music, theater, and dance, but also the athletic, military, political, mechanical, and industrial arts, as well as the "art of the deal" in business.

Artisans are most at home in the real world of solid objects that can be made and manipulated, and of real-life events that can be experienced in the here and now. Artisans have exceptionally keen senses, and love working with their hands. They seem right at home with tools, instruments, and vehicles of all kinds, and their actions are usually aimed at getting them where they want to go, and as quickly as possible. Thus Artisans will strike off boldly down roads that others might consider risky or impossible, doing whatever it takes, rules or no rules, to accomplish their goals. This devil-may-care attitude also gives the Artisans a winning way with people, and they are often irresistibly charming with family, friends, and co-workers.

Artisans want to be where the action is; they seek out adventure and show a constant hunger for pleasure and stimulation. They believe that variety is the spice of life, and that doing things that aren't fun or exciting is a waste of time. Artisans are impulsive, adaptable, competitive, and believe the next throw of the dice will be the lucky one. They can also be generous to a fault, always ready to share with their friends from the bounty of life. Above all, Artisans need to be free to do what they wish, when they wish. They resist being tied or bound or confined or obligated; they would rather not wait, or save, or store, or live for tomorrow. In the Artisan view, today must be enjoyed, for tomorrow never comes.

There are many Artisans, perhaps 30 to 35 percent of the population, which is good, because they create much of the beauty, grace, fun, and excitement the rest of us enjoy in life.

(www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=4&c=overview)

Para encerrar esta introdução, um resumo dos personagens de ELR:

O show gira em torno da vida da família italo-americana de Ray Barone, um jornalista desportivo de Lynbrook, Long Island, que vive junto a sua esposa, Debra Barone, sua filha, Ally, e os gémeos, Geoffrey e Michael. Os pais de Ray, que vivem em uma casa próxima, e seu irmão Robert se intrometem constantemente em sua vida, criando conflitos e situações cómicas. Apesar de que trata de uma família com meninos pequenos, *Everybody Loves Raymond* não é uma comédia familiar usual, já que trata mais bem das complexas relações entre homens e mulheres, e de umas gerações com outras.

A diferença de muitas outras séries, em *Raymond* mal há uma história que evolua ao longo das diferentes temporadas, senão que a situação se mantém praticamente idêntica durante toda a duração da série (salvo pelo inevitável envelhecimento das personagens). Ademais, também a diferença de outras séries americanas, em

Everybody loves Raymond não costuma ter ensinamentos morais escondidos em cada capítulo.

A série está baseada em grande parte no próprio Ray Romano: como sua personagem, está casado (com Anna Scarpulla) e tem uma filha (Alexandra, quem em Everybody Loves Raymond interpretou o papel de Molly, a melhor amiga de Ally, filha de Ray) e dois meninos gêmeos (Matthew e Gregory, nomes que por erro recebem os filhos de Ray no episódio piloto da série, antes de passar a se chamar Michael e Geoffrey nos demais capítulos); Ray Romano tem ademais outro filho chamado Joseph Raymond (o que o diferencia de sua personagem, Ray Barone, que só tem 3 filhos).

Personagens

Ray Barone (Ray Romano) [abreviado: R]

Ray (a personagem) faz parte de uma família italo-americana e católica, na que o pai é um resmungão insensível e maleducado e a mãe uma dominante e manipuladora. Em sua vida de casal, Ray é um homem chapado à antiga: trabalha como escritor desportivo para um jornal de Nova York, gosta de ver a televisão, jogar ao golf e comer pizza com seu grupo de amigos, e não colabora praticamente em nada nas tarefas domésticas (o que provoca frequentes tensões com sua mulher, Debra). Como pai, Ray exerce o papel de pai divertido e irresponsável, mas lhe custa manter a disciplina. Antes de ser jornalista, Raymond trabalhou como entregador de colchões e assim é como conheceu a sua mulher, Debra.

Debra Barone (Patricia Heaton) [abreviado: D]

Debra é uma *outsider* na família Barone, ainda que à medida que avançam as temporadas a cada vez adapta-se mais ao modo de comportar-se dos Barone. Nascida em uma família abastada e culta de Connecticut, renunciou a sua carreira profissional quando teve a sua filha Ally e os gêmeos Michael e Jeffrey. Por suas diferenças de educação e de carácter, chocará com os maus modos de Frank, o pai de Raymond, mas sobretudo com Marie, sua mãe, que menospreza constantemente suas qualidades como dona-de-casa, e pôr-se-á sempre do lado de seu filho Raymond quando surja alguma discussão conjugal. Seu único aliado na família é Robert, o irmão de Raymond, e sua esposa (nas temporadas finais da série) Amy.

Robert Barone (Brad Garrett) [abreviado: Rb]

Robert, oficial do Departamento de Polícia de Nova York, é o irmão maior de Raymond, e sente (com razão) que Ray, por ser o pequeno, é o preferido de sua mãe. Seu despeito constante para com seu irmão podem ser a causa de certos desordens de comportamento, como o ter que tocar a comida com o queixo antes de o levar à boca, ou o seguir vivendo em casa de seus pais bem entrado nos trinta, apesar de ter um trabalho estável e ter estado casado (com uma *stripper*) e divorciado. Robert manterá uma tormentosa relação com Amy, uma de melhores amigas de Debra, com a que terminará casando ao final da sétima temporada.

Marie Barone (Doris Roberts) [abreviado: M]

Marie, mulher de Frank Barone e mãe de Ray e Robert, é o prototipo da sogra invasiva: é dominante, manipuladora,

superprotectora e melodramática. Seus maiores orgulhos são seu filho Raymond, e suas virtudes como dona-de-casa, e em especial como cozinheira, virtudes que seu marido, Frank, parece não apreciar devidamente. Sua relação com Debra é tempestuosa, já que Marie se imiscui constantemente na vida de seu filho e critica o labor de Debra na casa (e em especial, outra vez, como cozinheira). Com seu marido, Marie mantém uma relação de amor-ódio, baseado em um pacto de não agressão: ela o alimenta, ele arranja o que se estraga na casa; ambos aproveitam qualquer ocasião para atacar verbalmente ao outro. E no entanto, seguem casados.

Frank Barone (Peter Boyle) [abreviado: F]

Frank é um veterano da Guerra da Coreia com uma visão tradicional dos papéis do homem e da mulher. É grosseiro, egoísta, brusco e insensível em seu trato com a gente. Gosta de ver desportos na televisão (preferivelmente com algo para comer), e passa grande parte de seu tempo livre em um clube social com outros aposentados. Sua relação com seus filhos é tudo menos afectuosa, o mesmo que seu casamento com Marie, que sobrevive graças à rotina e a verdadeiro carinho armazenado apesar das contínuas discussões. Frank encontra em ocasiões uma aliada em Debra, já que compartilham um inimigo comum: Marie.

http://pt.wikilingue.com/es/Everybody_Loves_Raymond

O controle: educando para a culpa

A culpa, como um dos “valores” principais da educação de Raymond e Robert, é um dos temas recorrentes de ELR. Marie, secundada por Frank, é exímia na arte de inculcar culpa nos filhos e, com isso, exercer seu controle de super-mãe sobre eles, mesmo quando já estão em torno dos quarenta anos. Se Robert é mais vulnerável, é Raymond, personagem central, quem mais está em evidência, também nesse aspecto (e como típico SP consegue, algumas raras vezes, neutralizar com piadas as chantagens emocionais da mãe).

A construção dos personagens favorece esse quadro: não só Marie é uma ESFJ (*Provider*), o tipo mais indicado para a disfunção de mãe-controladora⁹, mas também por ser *oriunda* da Itália (os estereótipos da “*mamma*” e da “*famiglia*”), católica tradicional, sua idade etc.

Nesse quadro, a *provider* Marie centra seu poder sobre a família sobretudo provendo “good food” (PUM2, p. 112), ela é absolutamente imbatível na cozinha (Debra, pelo contrário, é péssima cozinheira). Quando a atriz Doris Roberts lança sua autobiografia, em torno do papel que a consagrou, o título é precisamente: “Are you hungry, dear?” (subtítulo: *Life, Laughs and Lasagna*), o bordão da personagem, invariavelmente repetido como saudação a cada vez que Raymond entra na casa dos pais (muitas vezes, atraído precisamente pela comida preparada pela mãe).

Para Marie, a família (em sentido restrito ou ampliado) é o principal para essa ESFJ e considera-se a única dotada de responsabilidade no clã (Frank é um desastre, os filhos são sempre “menores de idade” e Debra..., coitada, por mais que se esforce, não passa de uma medíocre aprendiz). Aliás “responsável” é a palavra que melhor resume o SJ e quando esse dever recai sobre a família, veremos que Marie ultrapassa todos os limites para garantir o bem (o que ela considera como tal...) do clã.

⁹. Cf. o artigo citado: “David Keirse e a SJ Marie Barone” www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf

A circunstância de morar na casa em frente da do filho permite o controle de todos pela comida, com a vantagem adicional de esmagar qualquer pretensão da nora nesse sentido (além da comida, pode-se acrescentar as habilidades domésticas em geral: limpeza e ordem da casa etc.)

O episódio 20 da 1a. temporada, *Neighbors*, traz uma sequência que resume diversos desses aspectos. Alguns vizinhos pedem uma reunião em casa de Ray para discutir as inconveniências de seus pais: Frank inferniza com ruídos, joga lixo no quintal dos vizinhos, sai em cuecas para apanhar o jornal (um dos vizinhos até gravou em vídeo essa cena); Marie retém a correspondência e encomendas alheias entregues a ela por engano etc.

Ray, como ocorre frequentemente em situações de embaraço, tenta tirar importância das queixas com piadinhas, mas os vizinhos acenam com a ameaça de um processo de expulsão do bairro...

No exato momento em que estão exibindo o vídeo de Frank em trajes menores, entram Marie e Frank e, quando informados do propósito da reunião (uma vizinha explica: “certain people around here have some complaints about you”), imediatamente os pais acusam Ray de conspirar “contra a família”. Nem lhe dão a chance de se explicar e dizer que, na verdade, estava defendendo-os: é alta traição e ponto final. Debra ainda tenta argumentar:



D: Marie, this is not what it looks like.

M: It looks like my son is plotting against us. And serving my cookies! You're serving my cookies at your rally?

F (furioso): You took sides against the family.

R: Dad, I was defending you.

F: Against the family!

R: Dad, it's not...

M: I want the tape. Give me the tape.



A SJ Marie, habitualmente às turras com o marido e nunca lhe manifesta afeto em público; no momento de desgraça de Frank, solidariza-se com ele em gesto carinhoso



R: I'll take it for you, Mom.

M: No. How do you work these damn machines?

R: Easy, Mom. I'll do it.

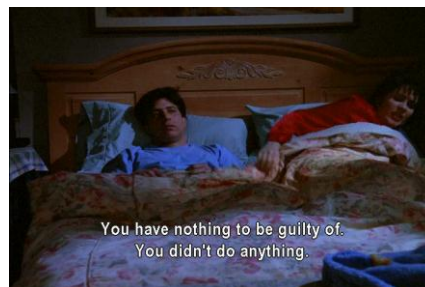
M: I hate these damn machines. [arrancando à força o vídeo da tomada]

R: Don't pull the plug!

M: How could you? [M e F saem batendo a porta]

Uma das características dos “educados para a culpa” é valorizar mais a propensão para reconhecer-se culpados do que a realidade de sua inocência: após anos de “treino” é-lhes mais fácil acatar a incontestável autoridade dos pais acusadores (ou outras autoridades: religiosas, da empresa, da política, da hierarquia militar etc.) do que cogitar sua não culpabilidade. Sobretudo, como no caso de Marie, se o “perdão” for facilmente concedido desde que o pródigo¹⁰ filho reconheça sua culpa.

Na cena seguinte, Ray não consegue dormir torturado pelo sentimento de culpa. E quando Debra tenta chamá-lo à evidente realidade de sua inocência, ele responde



exatamente nos termos das acusações dos pais: “I did. I held a rally against my parents in my own house”. E ante a insistência de Debra, Ray profere a sentença lapidar:



D: Ray, you've got nothing to feel guilty for. You didn't do anything. As a matter of fact, you were defending them.

R: That doesn't matter. Guilt is just a way of life for me. I was trained by masters. My mother, my father, the Pope.

Já na 1ª. temporada (epis. 5), Ray interpelado sobre seu ar de culpa (neste caso, ele também era inocente) “What are you looking so guilty about?”, responde:



Mas voltemos ao episódio *Neighbors*. No dia seguinte, Ray vai à casa dos pais tentar explicar-se e Marie em vez de saudá-lo com o “Are you hungry, dear?” de

¹⁰. A alusão à parábola do filho pródigo é mais do que ocasional: parece-nos mesmo uma das claves de interpretação do relacionamento entre os Barone. Mas, aqui, baste esta menção.

sempre, diz simplesmente “Hello” (o recado é claro: enquanto ele estiver com a culpa não pode participar da mesa da mãe). Ray pergunta por que aquela mesa tão cheia de comida e Marie e Frank respondem que reconheceram seus erros e querem reconciliar-se com os vizinhos com uma festa (naturalmente, também aqui, Marie se expressa pela sua incomparável habilidade culinária). Ray pega um salgadinho, mas sua mãe o faz devolver (fato impensável em condições normais, mas o corte da comida é precisamente parte essencial da punição do “culpado”). A perplexidade de Ray aumenta ainda mais quando vê os vizinhos chegarem alegremente para a confraternização com seus pais, como se nada tivesse acontecido.



E enquanto Robert é plenamente acolhido na festa, Marie convida Ray a se retirar: “Thanks for stopping by, Ray.”

O episódio continua, com tiradas engraçadas como a cena das “visões” de Ray diante do espelho do banheiro (até o Papa aparece para censurá-lo), que o levam a procurar um sacerdote para se confessar (Ray é o menos praticante da família: não se confessava há 20 anos). Durante a confissão, o padre descobre que Ray é filho de Frank e Marie, ex-paroquianos por ele “bem conhecidos”, e imediatamente inocenta Ray de seu “pecado” e mais: dá-lhe carta branca, em nome de Deus, para dizer umas verdades a seus pais: “Will it be wrong to let them know how I feel? That I'm just sick and tired of being manipulated and treated like a child... and I'm just not gonna let them do it anymore?” “Go with God”.

Com o respaldo da Igreja, Ray enche-se de coragem, vai à casa dos pais, diz a eles que tem algo a lhes dizer, mas na hora H, é tomado pelo medo do enfrentamento:

R: All right. Mom and Dad, listen up here. I don't care what you think about me. This has been a long time coming. I'm gonna say it right now, and you're gonna hear it.



F: Say what you wanna say, Ray. We're listening. [Ray hesita...]

M: Well?

R: Listen... I'm sorry. [Os pais explodem em festa]

M: He said it!

F: Good thing. You did the right thing.

M: That's all we ever wanted to hear. That's all a parent ever wants from a child.

R [conformado]: Constant apology, right.

F: Good to have you back, Ray. We missed you.

Marie põe o ponto final no processo de absolvição: “Are you hungry, honey?”. E o filho pródigo confirma: “Yeah”.

Outro tema a ser explorado é o modo constante e eficaz (e por vezes sutil) com que Marie inculca e explora nos filhos e na família o sentimento de culpa.

No episódio 3 da 3a. temporada, Ray e Debra contratam uma baby-sitter, Lisa, para terem alguns períodos livres, ocasião de sair etc. Marie (como sempre) descobre e sente-se preterida (não esqueçamos que, como ESFJ, ela “needs to be needed”, especialmente para a família e ainda mais em se tratando de seus netos). Debra altivamente dispensa os préstimos de Marie, sem poupar-lhe alfinetadas em dois pontos sensíveis: a qualificação profissional de Lisa (prevalecendo sobre o amor da avó) e o fato de Marie ter mais o que fazer e cuidar de sua própria vida (como se a vida da ESFJ Marie não fosse inteiramente dedicada a “cuidar” da família...). Marie fica furiosa, mas se contém (na medida do possível...) para não mostrar-se atingida.



Quando, finalmente, Debra dispensa a babá e tem de convocar a sogra, Marie tem a ocasião de sua revanche, que, como sempre, será em termos de culpa: aceitando imediatamente servir, mas desde que Debra reconheça sua culpa. De fato, quando Debra pede desculpas, Marie retruca:



E o desfecho fulminante, “não é absolutamente necessário desculpar-se comigo, querida; basta-me saber que você está mal...”:



Há diversos outros modos de Marie inculcar culpa nos filhos; aqui indicaremos apenas mais um, um jeito de exercer o controle pela culpa: transferir o foco de valoração da realidade para o juízo dos pais, minimizando sutilmente suas conquistas e ações meritórias. Elogiar extremamente o filho em qualidades que ele mesmo não valoriza e negar o reconhecimento naqueles méritos que são importantes para ele.

No episódio 18 da 1a. temporada, “Recovering pessimist”, Ray ganha o importante prêmio nacional: “Colunista esportivo do ano”.



M: We heard you won your award thing. That's very nice, Ray.

R: Thanks. Actually, it was great. You know how I thought I didn't think it was gonna be a big deal. It kind of was. I met Katarina Witt and Marv Albert.

Frank começa por sabotar o prestígio do filho, ao ignorar os grandes nomes do esporte contemporâneo e perguntando se estava presente seu ídolo dos anos 30 e 40:

F: Was DiMaggio there?

R: No, Dad.

Expressando clara decepção (que prêmio é esse se o Joe Di Maggio não estava lá...?), Frank continua rebaixando os méritos do filho:

F: Well, at least you made the Sportswriter Hall of Fame.

R: Actually it's Sportswriter of the Year.

Frank continua implacável, agora ajudado por Marie:

F: Just the year.

M: That's wonderful, dear. How much you win?

R: I got a trophy, Ma. Big trophy.

F: No cash?

R: No. No, just the trophy. But because of that trophy...

M: That's nice. You got a nice trophy. Nice gold trophy.

R: Actually it's silver, Ma.

M: I thought silver was for second place. I'm sure it's a very nice trophy.

F: You bust your ass all year long, at least they could throw you a few dollars.

R: Dad, it's more of a prestige thing.

F: Yeah? Take the prestige thing to the market and see how many eggs you bring home.

Essa indiferença provoca em Ray o desejo de explicar aos pais a importância do prêmio, que, além do mais, propiciou-lhe uma promoção no jornal em que trabalha. Graças a seu condicionamento para a culpa, Ray confessa que até achava que algo de mal iria advir desse prêmio...

Mas o casal continua com sua pedagogia do rebaixamento do filho até o ponto de uma correção formal, orientando-o paternalmente para que deixe de ser convencido e jactancioso...

R: I don't care what anybody thinks about it. I feel good about it. I thought something bad was gonna happen from this, but... you know what? I got a promotion today.



F e M: Promotion!!

R: Yeah.

F: They made you editor?

R: No, Dad.

M: Why not?

R: I'm head of Sports Features. And that's good. That's good. You know, most people think an award and a promotion are good things. I enjoy my work and I'm glad to be recognized for it. Hey, and I'm gonna pat myself on the back and feel good about it.

M (reprendendo maternalmente): Well, I must say, Ray... this is a side of you that's not very attractive.

R: What?

F: Nobody likes a bragger. What, are you going uptown on us?

M: You're really beginning to get a swell head. We didn't bring you up that way.

R (exaltado): I'm sorry. I didn't... I just thought I was... No, wait a minute. What am I apologizing for? Look, all I'm doing is being happy. Maybe everybody around here would be a little bit happy... if you tried to see the good in things. But instead, you just beat everything down.

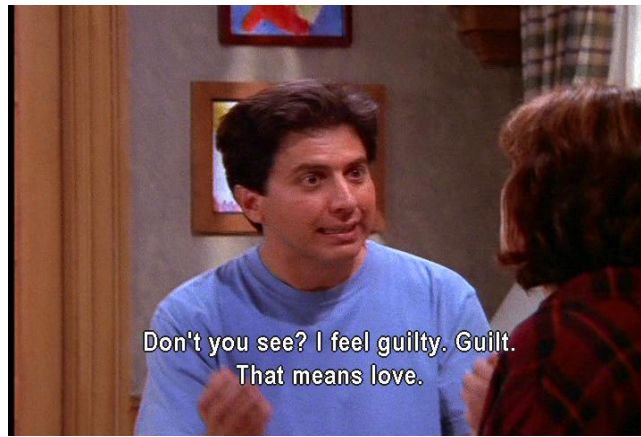
F: What are you yelling at us for? Is this how you're gonna handle the new job?

R: I got an award, all right? No, that's good. I got a promotion, too. That's good. There's no bad here. They don't promote you if you're bad.

Concluimos destacando a sentença acima de Marie: “Não foi assim [para a auto-estima] que nós te educamos...”

E com duas lapidares tiradas de Ray (em *Golf*, 2ª. temp., ep. 5) e Frank.

A de Ray:



A de Frank ocorre em outro episódio (*The Plan*, 7ª. temp., ep. 18). Robert está emocionado com o espontâneo perdão de Amy para uma enorme falta que ele cometeu. Frank diz que lamenta desfazer as ilusões do filho, mas a verdade é que ela finge perdoar, para poder controlá-lo por meio dessa dívida pelo resto da vida...



Recebido em 03-11-10. Aprovado em 17-11-10